

A EVOLUÇÃO DA ÉTICA NO CONTEXTO HISTÓRICO

Em nosso cotidiano, frequentemente nos encontramos diante de situações nas quais a nossa decisão depende do que julgamos ser correto fazer. Sempre que nos encontramos diante de uma decisão que envolve o julgamento do que é certo ou errado e, a partir do qual, vamos orientar nossas ações, estamos atuando dentro do campo da Ética. Neste capítulo, vamos conhecer os fundamentos da Ética e evolução no contexto histórico.

O conceito de Ética que hoje conhecemos e praticamos teve sua origem no pensamento socrático. Foi Sócrates quem primeiro deslocou inteiramente seu interesse investigativo da natureza para o homem e, somente a partir desse deslocamento é que ele começou seus ensinamentos em Atenas. Nas falas de Sócrates, podemos encontrar proposições de caráter ético que se manifestam em forma de virtude, para Sócrates um homem sábio é antes de tudo um homem virtuoso. Dessa forma, a ética é apresentada como virtude e um homem ético é um homem virtuoso.

Se há na história da filosofia um personagem cuja existência é um mistério, esse personagem é Sócrates. Tão emblemático e essa referência aparece claramente citada por Xenofonte:

Quanto a ele [Sócrates] discutia constantemente tudo o que ao homem diz respeito, examinando o que é o piedoso e o ímpio, o belo e o vergonhoso, o justo e o injusto, a sabedoria e a loucura, o valor e a pusilanimidade, o Estado e o homem de Estado, o governo e o governante e mais coisas deste jaez, cujo conhecimento lhe parecia essencial para ser virtuoso e sem o qual se merece o nome de escravo.

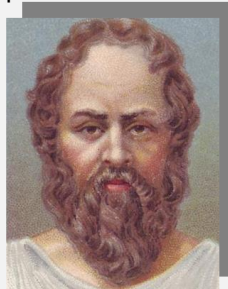
(Xenofonte, Memoráveis I, 1, 16)

Fica claro no texto de Xenofonte que “tudo o que ao homem diz respeito” são, na verdade, os valores humanos. Por essa razão que Sócrates afirmava que para ser virtuoso, antes é preciso conhecer e ponderar sobre os valores humanos. Entretanto, o mérito de Sócrates não foi só o de discutir “constantemente tudo o que ao homem diz

Sócrates foi o fundador da Filosofia Moral, ou Ética, por esse motivo ele é considerado um marco divisório da filosofia grega. Apesar desse fato, ele não deixou nada escrito, tudo o que conhecemos sobre ele advém de fontes outras, como por exemplo, os diálogos escritos por Platão. De personalidade serena, nunca deixou sua cidade natal, nasceu e morreu na cidade de Atenas.

Nascido em 469 a.C. filho de um escultor e de uma parteira, Sócrates mais tarde, imbuído por essa experiência, inauguraria uma forma de pensar que influenciaria todo o pensamento Ocidental. A frase encontrada no Oráculo de Delfos exprime bem o pensamento socrático: “conhece-te a ti mesmo”.

Devido ao seu pensamento crítico, que não distinguia a condição social de seus discípulos, foi acusado de subversivo e condenado, após um julgamento duvidoso, a morte por ingestão de cicuta, um veneno que é extraído de uma planta com o mesmo nome no ano de 399 a.C.



respeito”, mas antes, foi o de reconhecer e compreender que o homem se distingue de qualquer outra coisa pela sua alma.

A partir deste reconhecimento, de que o homem se distingue das demais coisas pela sua alma, Sócrates pode também determinar em que consiste a virtude: ela não pode ser outra coisa senão o que permite a alma ser boa, ou seja, ser aquilo que por sua natureza a alma deve ser. Por essa razão que cultivar a virtude é buscar a excelência da alma, realizar plenamente o seu lado espiritual e alcançar o fim próprio do homem e, com isso, alcançar felicidade.

Ora, o que permite a alma ser boa é o conhecimento ou a ciência e, assim sendo, o contrário da virtude é o vício, que nada mais é do que a privação de conhecimento ou ciência, a ignorância. Portanto, a ciência é um bem que deve ser preterida pelos homens que buscam a virtude e a excelência enquanto que a ignorância é um mal que deve ser evitado, na medida em que conduz o homem ao vício.

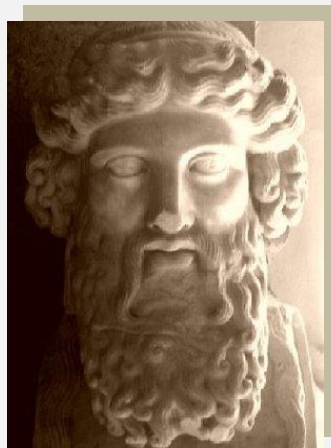
A tese socrática que identifica a virtude com ciência implica na verdade em uma redução das virtudes tradicionais, como por exemplo, a justiça, a sabedoria, a fortaleza, a temperança, em uma única e verdadeira virtude, isso ocorre, segundo Sócrates, porque todas as virtudes podem ser reduzidas ao conhecimento e, portanto o conhecimento é a única e verdadeira virtude. Por outro lado, o mesmo acontece

com o conceito de vício, que é o contrário do conceito de virtude, pois todos os vícios se resumem na ignorância. Assim sendo, a ignorância é a causa do mal, e quem faz o mal o faz por ignorância e não porque escolheu o mal sabendo que é mal. Aristóteles confirma essa ideia afirmando que “Sócrates pensava, portanto, que as várias formas de excelência moral são manifestações da razão, pois dizia que todas elas eram formas de conhecimento científico” (Aristóteles, *Ética a Nicômacos*, VI 13, 1144 b 28ss) Estes dois princípios socráticos: a) a virtude é conhecimento e b) não se pode fazer voluntariamente o mal, mas somente através da ignorância. Apesar de ter sido Sócrates a introduzir o debate sobre a ética, através de suas teses, foi Platão quem, a partir dos princípios socráticos desenvolveu e sistematizou o pensamento Ético.

Diferentemente de Sócrates, Platão aprofundou o distanciamento entre corpo e alma, atribuindo uma nítida superioridade hierárquica da alma com relação ao corpo. Pois, sendo o corpo físico a sede dos desejos e das paixões, acaba por desviar o homem de seu caminho para o bem. Essa nítida separação entre corpo e alma, bem como a valorização da alma em detrimento do corpo conduzirá o discurso ético por identificar o homem verdadeiro com a alma e não mais com o corpo físico.

A virtude é algo tão difícil de ser ensinada que no diálogo denominado *Protágoras*, Platão, através de seu interlocutor, Sócrates, afirma a impossibilidade de se ensinar a virtude:

Platão nasceu em Atenas no ano de 427 a.C. e morreu em 347 a.C., só com sua morte se interrompeu seu trabalho de escritor. Platão era de família nobre e tradicional na cidade e isso o impulsionou à vida política e, conseqüentemente à filosofia. Próximo a Cefiso, nos arredores de Atenas, fundou uma das mais famosas escolas de filosofia da história: a Academia. Nela dedicou-se principalmente ao ensino de filosofia e matemática, tendo como discípulo Aristóteles que mais tarde tornar-se-ia um dos filósofos mais importantes do pensamento ocidental.



Não só parece que os cidadãos opinam bem como, em particular, os mais sábios e melhores de nossos cidadãos não são capazes de transmitir a outros a excelência que possuem. Por exemplo, Péricles, o pai destes jovens que aqui estão, os educou notavelmente bem em coisas que dependiam de mestres, mas nas que ele pessoalmente é sábio, nem ele os ensina e tão pouco confia a outros ensinarem. (Platão, Protágoras, 319e – 320a)

Da mesma forma que Péricles não pode ensinar a virtude a seus filhos, os homens não podem aprender a virtude, senão por seus próprios méritos. Pois, a virtude não é algo que se possa ensinar. É necessário o convívio com o outro, com a comunidade, somente através do convívio na *polis* é que a virtude pode ser aprendida. Dessa forma, o homem virtuoso torna-se antes de tudo um bom cidadão.

Em Aristóteles a Ética aparece claramente subordinada a política, o que implicava em compreender o homem em sua qualidade de cidadão, situado em uma determinada cidade que encontrava-se acima da família e do próprio indivíduo. Neste sentido, o indivíduo passa a existir em função da cidade e não o contrário. Pois, segundo Aristóteles, se o bem do indivíduo é idêntico ao da cidade é mais nobilitante e perfeito escolher e defender o bem da cidade, uma vez que não se trata de apenas um indivíduo, mas antes, de toda coletividade. Dessa forma, a cidade segue sendo basicamente para ele o horizonte que acabará por abarcar os valores do homem.

Conforme a metafísica aristotélica, todo ser tende necessariamente à realização de sua natureza, a concretização plena de sua forma: e, reside justamente nisso o seu fim, o seu bem, a sua felicidade e, por consequência, a sua lei. Isso porque, a razão é a essência característica do homem, realiza ele a sua natureza vivendo racionalmente e sendo disso consciente. E, desta maneira, ele alcança a felicidade mediante a excelência, que é precisamente uma atividade segundo a razão, quer dizer, pressupõe o conhecimento racional. Logo, o fim natural do homem é a felicidade, para qual é necessário a excelência, que, por sua vez, necessita da razão.

A excelência é um justo meio, e um hábito racional. Enfim, a ética aristotélica reconhece a primazia das virtudes *dianoéticas*, contemplativas, sobre as virtudes éticas, ativas; a supremacia do conhecimento e do intelecto sobre a prática e a vontade.

Assim, afastando-se do dualismo platônico corpo-alma, Aristóteles buscou construir uma Ética realista, ou seja, mais voltada para o homem concreto. Em suas diferentes ações, o homem tende sempre a um fim concreto, que se apresenta com sendo um bem. Existem bens e fins que são almejados em vista de outros bens e fins, esses são, portanto, relativos. Na medicina, por exemplo, o bem é a saúde, já na educação o bem é o conhecimento, e assim por diante em todas as atividades, ou seja, o fim almejado em cada ação é o propósito, pois foi visando ele que os homens realizam suas ações.

Entretanto, todos os bens e todos os fins, mesmo os relativos, tendem a um bem supremo e a um fim último. O bem supremo é aquele que é desejado em si, e nunca com vista a algo mais. Qual é este bem supremo? Aristóteles é incisivo ao responder essa questão:

Parece que a felicidade, mais que qualquer outro bem, é tida como este bem supremo, pois a escolhemos sempre por si mesma, e nunca por causa de algo mais; mas as honrarias, o prazer, a inteligência e todas as outras formas de excelência, embora as escolhamos por si mesmas, escolhemo-las por causa da felicidade, pensando que através delas seremos felizes. (Aristóteles, Ética a Nicômaco, I 7, 1097a 25)

Ninguém escolhe a felicidade por causa das várias formas de excelência, de um modo geral, ninguém escolhe a felicidade por qualquer outra coisa além dela mesma. Ninguém escolhe ser feliz para alcançar a saúde, por exemplo, nem tão pouco escolhe a felicidade para alcançar o conhecimento, mas sim o contrário, as pessoas buscam a saúde e o conhecimento para poderem ser felizes. Por essa razão que a felicidade é o fim último e o bem supremo aos quais todos os homens tendem.

Para atingir o fim último, a felicidade, o homem deve agir de acordo com a doutrina do meio termo. A excelência moral depende da escolha de ações e emoções consistentes num meio termo, com relação ao agente, determinado pela razão. Na verdade, o meio termo é uma virtude que se encontra entre dois vícios, trata-se de um estado que é intermediário. Isso acontece porque dentre as várias maneiras de deficiência moral há sempre a falta ou o excesso do que concernem tanto as ações quanto as emoções, no entanto a excelência moral visa sempre o meio termo.

O meio termo é sempre o almejado, é onde o homem centrado busca estar e permanecer. Com relação à alimentação, por exemplo, o excesso é a gula e a falta é a fome, já o meio termo é o satisfeito, em relação à honra e a desonra, o meio termo é a magnanimidade, o excesso é chamado de pretensão, e a falta é a pusilanimidade, e assim ocorre em quase todas as ações e emoções.

Mas é obvio que nem todas as ações e emoções comportam o meio termo. Na realidade isso ocorre porque algumas delas possuem a maldade implícita. Nesse sentido, pode-se citar como exemplo de emoções que possuem a maldade implícita, o desrespeito, a imprudência, a inveja e, no caso das ações que são más por natureza, o assassinato, o roubo, o adultério. Em todas essas ações e emoções a maldade não se encontra na falta ou no excesso, mas antes, encontra-se intimamente ligada aos seus próprios nomes.

Para atingir a excelência moral e ser feliz, o homem necessita deliberar e escolher sempre o meio termo. Entretanto, escolher o meio termo não é tão simples, para tanto, se faz necessário uma disposição da alma para escolher o certo, está disposição é fruto de um hábito que é adquirido ao longo do tempo. Então, fazer o certo, escolher o correto depende de um hábito que é adquirido ao longo da vivencia. Por essa razão, é importante ressaltar que a Ética aristotélica encontra-se intimamente ligada à vida política.

ATIVIDADES

1) Qual o conceito de Ética para Platão?

2) Qual o significado de meio termo para Aristóteles?

3) Explique o significado da citação:

“Sócrates pensava, portanto, que as várias formas de excelência moral são manifestações da razão, pois dizia que todas elas eram formas de conhecimento científico” (Aristóteles, Ética a Nicômacos, VI 13, 1144 b 28ss).

4) Por que a virtude é tão difícil de ser ensinada?

5) Qual a relação, segundo Aristóteles, entre ética e felicidade?